

Nicole Jordan

O ÊXTASE

Tradução
Maria Ponce de Leão

*Quinta Essência**

1

Londres, novembro de 1813

Ele surgiu da espuma, com o corpo molhado e musculoso reluzindo sob o sol das Caraíbas. Enquadrado no brilhante mar turquesa assemelhava-se a um deus pagão. Contudo, não era um deus, mas o pirata que lhe tinha roubado primeiro a virtude e depois o coração.

Emanava calor, vitalidade e perigo enquanto permanecia em pé, de pernas abertas, na praia branca e de água cristalina, dominando tudo o que contemplava. O inchaço varonil demonstrava claramente a sua excitação e fê-la ofegar.

Como se tivesse ouvido a leve exclamação, fixou-a com os olhos negros. Ela sentia-se encantada sempre que ele a olhava, embora não conseguisse distinguir-lhe as feições. Nunca lhe via o rosto, apenas os olhos escuros, que eram intensos e ardentes.

Então ele aproximou-se, com um objetivo definido a cada passo ágil. Sentiu a areia quente nas costas quando se estendeu sobre ela, com a boca voraz e quente reclamando os seus lábios. O beijo foi devastador não em intensidade, mas nas consequências; o seu contacto era perigoso e grosseiramente sensual enquanto as mãos a percorriam a seu bel-prazer.

Ele bebeu dos seus lábios e depois prolongou as carícias mais para baixo, de um modo suave e ao mesmo tempo brusco. Empurrando-lhe

a cabeça para trás, beijou a curva do pescoço, a clavícula, os seios nus. Aqueles lábios eram mais quentes do que o sol sobre a pele desnuda, o calor abrasava-lhe a carne. Prendeu-lhe um mamilo entre os dentes e chupou com força, enviando setas de prazer até ao húmido centro feminino.

Ela gemeu, apartou as pernas para o receber, e suspirou quando ele alojou o sexo volumoso contra a sua gruta macia; a dor latejante entre as coxas tornou-se um misto de calma e de excitação.

– Por favor ... – suplicou ela.

Compreendendo a necessidade premente que a invadia, ele deslizou implacavelmente para dentro dela, enchendo-a com o enorme pénis, fazendo-a desejar chorar de êxtase.

Contudo, depois manteve-se imóvel, negando-lhe o alívio que ela ansiava. Os olhos escuros e ardentes imobilizaram-na tão certamente como a atravessava com a sua palpitante carne masculina.

– Como podes casar com ele? – perguntou bruscamente. – Como podes pensar em entregar-te a ele?

– Tem de ser. Não me resta alternativa. Fiz uma promessa solene.

Ele queimava-a com a intensidade do olhar.

– O teu duque é frio, insensível. Não pode fazer-te sentir o mesmo que eu. Não consegue incendiar-te o sangue nas veias como eu.

Ela virou a cabeça para o lado, consciente da verdade de todas aquelas palavras. Ao pensar no casamento iminente, experimentava uma sensação de desespero. Desejava esquecer, e, no entanto, o seu pirata não o permitia. A mão dele agarrou-lhe o cabelo e os dentes reluziam selvagens.

– Pertences-me, só a mim. És minha, ouves bem? E eu sou teu. Foste tu que me criaste.

O sentido de posse dele arrebatava-a e excitava-a.

– Sim – limitou-se a responder.

Ele retirou o membro escorregadio e voltou a arremeter com força, enfiando-se todo dentro dela.

– Quando estiveres com ele, será de mim que te lembrarás. Do meu toque, do meu sabor, do meu membro duro a mergulhar em ti, fazendo-te gritar de desejo.

– Sim. Sim... Só de ti.

Baixou a boca dele ao seu encontro, precisando saboreá-lo, senti-lo.

A feroz intimidade do seu corpo procurou a gruta e começou novamente a mover-se dentro dela, possuindo-a, reclamando-a. Não se mostrava terno, mas não era ternura o que ela queria. Em vez disso, ergueu as ancas ao encontro das suas profundas estocadas, respondendo com todo o vigor do seu corpo trémulo.

– Mais – incitou ele com voz rouca junto à sua boca. – Dá-me mais. Entrega-te.

O orgasmo explodiu dentro dela em intensos e rígidos estremecimentos uma e outra vez até que ele também se veio. Por fim, deixou-se cair sobre o corpo feminino, as respirações ofegantes misturaram-se e de momento o voraz apetite de ambos ficou saciado.

Ela manteve-se de costas, satisfeita, enquanto ondas sedosas lambiam docemente o seu corpo, arrefecendo a pele tórrida e o fogo da paixão entre ambos.

Raven Kendrick passou lentamente da fantasia à consciência e reconheceu o quarto. A luz fria do amanhecer filtrava-se através dos reposteiros de damasco enquanto ela se mantinha na cama, com o corpo ainda a pulsar depois do poderoso orgasmo e da recordação do seu pirata. Ele era um fogo selvagem e doce no seu sangue... e uma mera ilusão.

Com um suspiro de desejo insatisfeito, Raven rolou na cama e apertou uma almofada de encontro aos seios ainda latejantes. Ele era tudo o que alguma vez teria de autêntica paixão.

O amante só existia na sua imaginação, embora às vezes parecesse tão real como qualquer homem de carne e osso. Não tinha nenhuma identidade, nenhum outro passado além do que

ela lhe atribuíra. Desembarcara na praia nos seus sonhos durante uma luminosa manhã caribenha para lhe saquear o corpo e capturar o coração.

Fechou os olhos para preservar a lembrança da sua mais recente diversão. Ainda estava quente e molhada entre as pernas por se imaginar possuída por ele, mas na vida real jamais havia sentido o êxtase do membro de um homem enchendo-a, mergulhando no seu interior.

Contudo, imaginação não lhe faltava. Na verdade, sabia coisas que nenhuma virgem deveria conhecer. O raro e erótico livro que a mãe lhe tinha deixado ao morrer, *Uma Paixão do Coração*, fora oferecido a Elizabeth Kendrick pelo homem que ela amara desesperadamente e a quem se vira forçada a renunciar... um presente de separação para manter viva a sua lembrança.

Escrito por uma francesa anônima, o diário era uma trágica e verdadeira história de amor e transbordava de deliciosos pormenores de desejo carnal. Tinha proporcionado consolo à mãe de Raven durante anos, pois embora espelhasse a sua própria dor, a história narrada de uma forma intensa, também lhe fazia reviver a sua própria paixão perdida.

Porém, era um livro escandaloso para se encontrar na posse de uma dama jovem e virtuosa.

Raven franziu o sobrolho com uma expressão de desafio. Talvez fosse perversa por incentivar ilusões tão palpáveis do seu pirata, mas nas suas fantasias podia ser tão despreocupada e livre quanto o desejasse. Podia satisfazer a profunda inquietação que a devorava, permitir-se qualquer apetite proibido sem as graves consequências da ruína social. Podia entregar-se por completo a um amante sem o receio de perder o coração e a alma, como acontecera à mãe.

Raven cerrou os punhos involuntariamente ao mesmo tempo que o costumado terror pulsava dentro dela. Nunca entregaria o coração a um homem real. Tinha visto como o amor destroçara a mãe, a tornara escrava de uma sombria

recordação. Durante anos, a mãe tinha soluçado todas as noites na almofada, lamentando o amor perdido. De dia, debruçara-se sobre o seu precioso livro, memorizando cada comovedora linha.

Estendendo a mão para a mesa de cabeceira, Raven retirou da gaveta o livro encadernado a ouro, com os olhos nublados de lágrimas pelas recordações. Tinha-a afligido infinitamente ver a mãe a desperdiçar a vida, ansiando, inclusive no leito de morte, um homem que nunca poderia ter.

A perda da mãe causara um enorme desgosto a Raven, mas também a enchera de determinação. Nunca cometeria o mesmo erro que a mãe, caindo vítima de um amor sem esperança. Nenhum homem alguma vez possuiria a sua alma. Só ela controlaria o seu destino. Podia ter decidido casar-se, mas o amor nunca faria parte da sua vida.

Uma pancada na porta do quarto arrancou Raven ao seu sombrio divagar. Devolveu rapidamente o diário à gaveta e autorizou a entrada da sua criada pessoal, que trazia uma bandeja.

– Bom dia, *miss* – saudou Nan com um inconfundível tom excitado. Trouxe-lhe um fantástico pequeno-almoço pois precisa de comer como deve ser. Ainda faltam muitas horas para o banquete do casamento.

Raven sentiu um peso inexplicável no coração ante o aviso. Chegara finalmente o dia do seu casamento.

Sentou-se devagar na cama e deixou que Nan lhe pousasse o tabuleiro no colo, embora tivesse perdido subitamente o apetite.

A criada serviu-lhe uma chávena de chocolate sem se calar um momento.

– Pense bem nisto, Miss Raven! Não tardará a ser duquesa. É igual a um conto de fadas. – Nan suspirou e compôs uma expressão respeitosa, após o que reagiu: – Desculpe, *miss*. Não devia soltar a língua assim, mas é que nunca conheci uma verdadeira duquesa.

Raven esboçou um sorriso que não sentia.

– Não faz mal, Nan. Eu própria estou um pouco impressionada.

A criada virou-se para a lareira, atiçou o fogo quase apagado para combater o frio de novembro e depois fez uma vénia.

– A água para o seu banho está a aquecer, Miss Raven. Se precisar, voltarei dentro de meia hora para a ajudar a tomar banho e a vestir-se.

– Está bem. Obrigada, Nan.

Quando a criada saiu do quarto, Raven agarrou obediente-mente no garfo, mas pousou-o quando o estômago se revoltou. Dali a poucas horas casaria com o homem que tinha escolhido, um proeminente nobre que era respeitado pelas camadas mais elevadas da alta sociedade. Há meses que esperava ansiosa aquele dia... por que razão se sentia como se, de certo modo, caminhasse para o patíbulo?

Nervos de noiva. A sua ansiedade só podia atribuir-se a isso. Todas as noivas tinham dúvidas no dia do casamento.

Abanou a cabeça, decidida a desfazer o nó que se lhe formara no estômago. Era absurdo acalentar dúvidas de último momento sobre o plano que organizara para o futuro. O seu casamento com o duque de Halford não seria apenas o cumprimento do mais fervoroso desejo da sua mãe – assegurando assim o seu legítimo lugar entre a nobreza – , mas significava que deixaria de ser uma estranha.

Por fim pertenceria a algum lugar.

Como duquesa, seria aceite pela nata da sociedade, a sociedade que fora negada à mãe depois de ter sido banida para as Caraíbas há mais de vinte anos por um pai irado.

Raven levou a chávena de chocolate aos lábios, tentando ignorar os pruridos. O seu futuro marido, o duque de Halford, podia ser um orgulhoso e arrogante nobre com mais do dobro da sua idade, que além disso tivera a infelicidade de enterrar duas jovens mulheres após tragédias acidentais. Mas, quando fosse sua mulher, já não se veria obrigada a lutar contra os desesperados

sentimentos de solidão que a haviam obcecado grande parte da vida.

Tivera a sorte de ter conquistado Halford, tendo em conta as desvantagens que enfrentava. Embora cidadã inglesa, tinha nascido nas Caraíbas e só chegara pela primeira vez a Inglaterra na primavera anterior, um ano após a morte da mãe. Forçada a engolir a relutância, reconciliara-se com a sua distante família, o seu velho avô, e a bruxa de uma tia-avó, que tinha patrocinado a sua temporada londrina como debutante.

Desde então, Raven compreendera cada vez mais o quanto significava para ela ser aceite e como desejava profundamente pertencer à sociedade.

Para seu alívio e gratidão, a primeira temporada tinha sido um triunfo. Fora solicitada por inúmeros admiradores e recebera meia dúzia de estimáveis propostas de casamento, juntamente com outras inadequadas. Iludira os mais acesos defensores éticos com os seus esforços para se comportar com recato. Com um escândalo oculto no passado, não podia dar à alta sociedade nenhum motivo que obstasse o seu ingresso nas suas seleitas camadas, por mais que lhe apetecesse rir na cara deles. Não podia, se queria fazer parte dessa sociedade.

Raven tinha perfeita consciência de que a sua formação pouco convencional era um incontestável obstáculo. A sua educação na ilha caribenha de Montserrat permitira-lhe uma invulgar liberdade e passara a sua feliz infância nadando em enseadas isoladas, brincando aos piratas e cavalgando ao vento. Até o seu nome era pouco ortodoxo; recebera-o devido à cor do cabelo em memória de um antepassado espanhol do seu verdadeiro pai.

Mas, uma vez em Inglaterra, esforçou-se por controlar a sua natural audácia, reprimindo todo o indício de paixão em prol do conformismo e da submissão às regras asfixiantes de uma conduta correta, porque estava absolutamente decidida a ser aceite.

Uma das poucas concessões ao seu espírito inquieto era as suas galopadas bem cedo pelo parque. E, quando ansiava

paixão, recorria às suas fantasias e ao seu imaginário amante pirata. Embora ele fosse só uma ilusão – que algumas vezes a deixava dorida por um desejo insatisfeito – tinha a certeza de que ele poderia acalmar os seus mais profundos apetites com mais intensidade do que o seu duque da vida real poderia ou desejaria fazê-lo.

Raven estremeceu ao notar subitamente o frio da manhã de inverno. Sustendo rigidamente a sua apreensão, afastou o tabuleiro e levantou-se da cama. Se aquele fosse qualquer outro dia, naquele mesmo momento estaria a cavalgar, mas tinha de preparar-se para o seu casamento.

Acabara de colocar um xaile de lã à volta dos ombros quando soou outra pancada na porta. Viu surpreendida que a sua tia-avó entrava no quarto.

Catherine, Lady Dalrymple, era uma figura imponente: alta, elegante, com traços formosos e um cabelo prateado que lhe conferia um ar majestoso.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Raven, franzindo o sobrolho.

Nunca em todos aqueles meses de viver debaixo do mesmo teto com a tia-avó recebera a visita dela. Tão-pouco a sua idosa parente costumava levantar-se tão cedo.

– Nada – respondeu a tia Catherine, esboçando um arremedo de sorriso. – Trago-te simplesmente um presente de casamento – acrescentou, estendendo-lhe uma caixinha forrada de cetim. – Pertenceu à tua mãe. Imagino que Elizabeth desejaria que a tivesses.

Raven sentiu um aperto no coração ao ouvir mencionar o nome da mãe. Abriu a caixa com curiosidade e ficou boquiaberta ao deparar com um fabuloso colar de pérolas e um par de brincos de pérolas, não muito grandes, mas com um brilho indicativo de grande valor.

Raven fitou a tia-avó com um olhar interrogativo, questionando-se sobre o que causara aquela mostra de generosidade.

Lady Dalrymple costumava tratá-la com uma reserva que orlava a antipatia.

– Abrigava sérias dúvidas de que este dia chegasse alguma vez – declarou a tia à pergunta por formular. – Contudo, agora que o teu casamento vai mesmo realizar-se, penso que tens direito a possuí-los.

– São muito bonitos – murmurou Raven.

– Elizabeth recusou levá-los quando se foi embora – prosseguiu a tia Catherine com visível desagrado. – Foi uma atitude imprudente, considerando que podia tê-los vendido por um preço elevado. Todavia, achei que desejarias usá-los no dia do teu casamento.

Surpreendida mas grata pelo presente da tia, Raven suavizou a resposta.

– Sim, obrigada. Gostaria muito de usá-los.

Sem mais uma palavra, a tia Catherine dispôs-se a ir embora, mas em seguida virou-se, arqueando uma sobrancelha com elegância.

– Confesso que me surpreendeste agradavelmente, Raven. Nunca imaginei que fizesses um casamento tão vantajoso.

– Porque não? – perguntou Raven impulsivamente. – Porque não acreditava que pudesse chegar tão alto dada a ilegitimidade das minhas origens?

– Graças a Deus que pouca gente conhece o segredo das tuas origens. Não, francamente, nunca acreditei que tivesses o bom senso de aceitar Halford como marido. Tiveste tantos pretendentes. Receei que pudesses escolher alguém inadequado só para nos magoar.

«Tinha tido realmente inúmeros pretendentes», refletiu Raven. Na verdade, um deles em particular, havia mexido com ela de uma forma implacável, inclusive após o seu noivado com Halford ser anunciado, quase provocando um escândalo. Por sorte, a tia nada sabia daquele desaire iminente.

– Nunca me teria portado tão irrefletidamente, tia, apesar da sua opinião a meu respeito.

– Talvez não – anuiu a tia. – Contudo, duvidava que o teu noivado com Halford durasse todos estes meses devido à grande disparidade que existe entre os dois. – Lady Catherine franziu os lábios com um leve sorriso. – Até eu o considero muito conservador e arrogante. Quanto ao feitio, não me parece que seja de alguma forma o homem adequado para ti.

– Não é assim tão mau – defendeu-o Raven. – Halford é reservado e muito correto, mas, sob o comportamento imposto pela classe a que pertence, é um homem muito bondoso.

– Ainda bem que não albergas ideias tolas como a de casar por amor. O amor não garante felicidade, como o descobriu a tua mãe para seu eterno pesar.

Raven sentiu-se enrijecer.

– Sim, bem pelo contrário. O amor só pode trazer grande desgraça. Aprendi muito bem essa lição, tia Catherine.

– Tens obviamente mais sensatez do que tinha a tua mãe.

Raven baixou a cabeça para ocultar a ira que sentia, deplorando aquela conversa. Não desejava falar da mãe nem trazer à luz tristes lembranças.

A velha senhora premiu os lábios.

– Pelo menos, agora terás o futuro que Elizabeth desejou para ti. Um lugar na sociedade que a sua loucura lhe negou.

Espicaçada de uma maneira insuportável, Raven ergueu o queixo e dirigiu um olhar penetrante à tia.

– Um lugar que lhe recusaram quando a própria família a renegou, quer dizer – corrigiu, incapaz de ocultar a amargura que lhe ia na voz.

Catherine franziu o sobrolho.

– Não tivemos outra escolha senão obrigar Elizabeth a casar. Ela enfrentou a total ruína da sua reputação. O seu comportamento foi extremamente escandaloso ao ficar obcecada por um homem casado, permitindo que ele a engravidasse.

Raven irritou-se ao ouvir falar de uma maneira tão depreciativa dos pecados da mãe.

– O avô não deveria tê-la deserdado e enviado para o outro lado do oceano!

– Talvez não – anuiu Catherine com uma expressão ainda mais glacial. – No entanto, Jarvis tomou a decisão correta. Ninguém esperaria dele que tolerasse a vergonha de uma filha grávida fora do casamento.

– Por isso obrigou-a a casar-se com um homem que lhe desagradava e depois expulsou-a para longe?

– Asseguro-te que Elizabeth compreendeu que o casamento era a sua única salvação. Ao casar-se com Kendrick, ele salvou-a da desgraça e salvou-te de nasceres bastarda!

Raven estremeceu diante da culpa familiar que se retorcia no seu íntimo. Compreendia muito bem o sacrifício que a mãe tinha feito por ela e como tinha causado a desgraça da mãe pelo mero facto de existir. Ainda assim, a necessidade do casamento não desculpava o avô e a tia por terem sido tão cruéis e implacáveis.

– Se a minha mãe não tivesse sido obrigada a viver entre desconhecidos – pronunciou Raven num tom tenso –, se tivesse estado rodeada pela família, os amigos e a sua vida familiar, talvez conseguisse superar a sua paixão impossível. Tal como foi, morreu ansiando por um amor que jamais podia ter.

– Foi ela a única culpada da sua infelicidade. E rapidamente lamentou o erro cometido.

– Desculpe, se pareço desrespeitosa, tia – retorquiu Raven com sarcasmo –, mas como pode sabê-lo?

– Porque ela me disse isso nas suas cartas. Elizabeth escreveu-me de vez em quando ao longo dos anos.

Raven fitou-a, surpreendida.

– Nunca pensei que a mãe lhe escrevesse.

– Mas escreveu – reiterou Catherine com o mesmo olhar glacial. – As suas últimas cartas demonstravam claramente que recuperara a sensatez. Lamentava amargamente ter caído em desgraça e perdido a condição e os privilégios com que fora criada. Sentia falta da vida que podia ter tido e achava que